

**As representações acerca da cristianização da Irlanda Celta do Século V  
nas cartas de São Patrício.**

Dominique Vieira Coelho dos Santos\*

**Resumo:** Este trabalho aborda questões como: cristianização da Irlanda; rapto, escravidão e venda de cristãos aos Pictos; a doutrina escatológica de São Patrício etc. Temos como fontes dois documentos escritos em Latim na Irlanda do século V (Confesio e Epistola ad milites Corotici). Nosso objetivo é apresentar algumas reflexões acerca das representações feitas por Patrício sobre a cristianização da Irlanda nestes documentos. Diversas publicações que tratam deste tema mostram um Patrício poderoso e fazendo diversos milagres para convencer os Irlandeses a aderirem ao cristianismo. Nestas representações, Patrício é sempre descrito como o cristianizador da Irlanda. Apresentamos uma outra abordagem levando em consideração apenas as duas cartas escritas por Patrício e nelas tentaremos observar como ele representou os irlandeses, a si mesmo e a cristianização da Irlanda.

**Palavras chave:** São Patrício, representações, história.

**Abstract:** This paper approaches questions as: christianization of Ireland; abduction, slavery and sale of Christians to the Pictos; the Saint Patrick's eschatological doctrine etc. We have as sources two Latin documents written in Ireland of fifth century (Confesio and Epistola ad milites Corotici). Our objective is to present some reflections concerning the representations made for Patrician on the christianization of Ireland in these documents. Diverse publications that deal with this subject show a powerful Patrician and making diverse miracles to convince the Irishmen to adhere to the Christianity. In these representations, Patrician is always described as the christianizer of Ireland. We present another boarding leading in consideration only the two letters written for Patrician and we will try to observe as it represented the Irishmen, itself exactly and the christianization of Ireland.

**Keywords:** Saint Patrick, representations, history.

Apesar de ser um Bretão, São Patrício é o padroeiro da Irlanda. Sabemos que ele nasceu em alguma data no fim do quarto século, por volta de 390. Ele era filho de um diácono e neto de um presbítero. Quando Patrício tinha 16 anos de idade foi raptado por piratas irlandeses e vendido na Irlanda para um homem chamado Milliuc.

Viveu na Irlanda por seis anos como escravo pastoreando ovelhas até fugir em um navio. Ele ainda seria escravo novamente na Irlanda por dois meses, desta vez, sendo porquero de um rei. Durante estes anos pôde aprender um pouco do idioma e cultura

---

\* Mestrando pela Universidade Federal de Goiás.

irlandesa. Após isso ficou um tempo na Bretanha com seus familiares e no ano 432 voltou para Irlanda para divulgar lá o cristianismo.

Só existem dois documentos escritos por Patrício, a sua confissão e a carta que escreveu aos soldados de Coroticus. Existem alguns textos atribuídos a ele, mas estes não têm sua veracidade confirmada e aceita pelos estudiosos do tema. A confissão de São Patrício é um texto escrito no fim de sua vida para defender-se principalmente da acusação de que teria ido pra Irlanda para ganhar dinheiro. Neste texto Patrício fala sobre sua origem, suas dificuldades e revela um pouco de sua personalidade. A carta aos soldados de Coroticus foi escrita como um protesto e uma advertência ao próprio Coroticus, um chefe de soldados que teria detido alguns discípulos de Patrício e que perseguia os cristãos irlandeses.

Nosso objetivo é apresentar algumas reflexões acerca das representações feitas por Patrício sobre a cristianização da Irlanda nestes documentos. Diversas publicações que tratam deste tema mostram um Patrício poderoso e fazendo diversos milagres para convencer os Irlandeses a aderirem ao cristianismo. Nestas representações, Patrício é sempre descrito como o cristianizador da Irlanda. Apresentamos uma outra abordagem levando em consideração apenas as duas cartas escritas por Patrício e nelas tentaremos observar como ele representou os irlandeses, a si mesmo e a cristianização da Irlanda.

Todas as vidas de São Patrício que foram escritas do século VII até o século XIX o apresentam como um santo introdutor do cristianismo na Irlanda que só conseguiu realizar seus propósitos fazendo diversos milagres e lutando contra os druidas e a obscuridade do paganismo. Da mesma maneira, grande parte da bibliografia sobre o tema constrói seu enredo concordando com a tese de que Patrício é importante por ter sido o introdutor do cristianismo na Irlanda ou organizador de um cristianismo pré-existente (Le Roux & Guyonvarc'h; O' Mathúna; Brown; Cahill; Hillgarth; Liam de Paor; Bury e outros). Em nossa opinião, é com as obras de Hanson que esta idéia começa a ser questionada (Hanson: 1968 e 1978), mas somente com a publicação da obra "Who was saint Patrick?" de E.A Thompson a tese de que Patrício foi importante por outros aspectos que não estes enfatizados durante quatorze séculos é lançada de forma mais clara (Thompson: 1985).

A tese de Thompson é de que durante a vida de Patrício os homens não reconheceram sua importância e depois que todos que o conheceram pessoalmente morreram, fora seus textos, nada sobre ele foi preservado. Por um espaço de cem anos após sua morte ninguém o descreveu como um organizador do cristianismo irlandês, como um pregador ou um fazedor de milagres. No tempo da morte de Patrício a Irlanda ainda era quase que totalmente pagã. Talvez suas cartas tenham sido preservadas por acidente e somente quando

vieram à tona é que começaram a falar dele. Assim sendo, Thompson sugere que devemos reconhecer que foi uma grande contribuição o fato de Patrício, sendo um bispo católico, ultrapassar a fronteira do Império Romano e passar o resto de sua vida entre povos considerados bárbaros tentando convertê-los ao cristianismo. Mas a maior contribuição de Patrício não foi converter milhares de irlandeses à fé cristã e sim a composição da epístola e da confissão (Thompson: 1985).

Segundo Hanson, tudo que sabemos sobre a Irlanda do século V é raro e incerto, por este motivo a confissão de São Patrício e sua carta aos soldados de Coroticus são documentos essenciais para nos aproximarmos dos assuntos relacionados ao período em questão (Hanson. 1978: 54). É por concordarmos, tanto com a tese de Thompson quanto com a de Hanson, que nos veio à mente a idéia de analisar estes documentos e tentar perceber neles como o próprio Patrício representa os irlandeses, a si mesmo e as questões relacionadas com a cristianização da Irlanda.

Nossa intenção aqui não é localizar referentes, ordená-los e sistematizá-los em uma narrativa sobre o passado. O que podemos notar nos livros sobre São Patrício e sobre a história irlandesa é uma verdadeira caça aos referentes. Até mesmo Thompson passa grande parte de sua obra tentando responder perguntas do tipo: Patrício esteve mesmo na Gália? Como era a vida das pessoas que foram capturadas e levadas junto com Patrício para a escravidão na Irlanda? Como Patrício encontrou abrigo durante sua fuga? Como Patrício ficou andando 28 dias em algum lugar do Império Romano sem encontrar pessoa alguma? Estaria ele andando em círculos? Teria se perdido? Etc.

Esta não é nossa intenção. Não está em questão aqui se uma história dos referentes é possível ou não e nem dizer se estas representações feitas por Patrício são o real ou, como o próprio termo sugere, apenas representações deste. Apenas mencionamos de forma sintética este problema para deixar bem claro que estamos cientes dele e não estamos agindo de forma desonesta empurrando a sujeira pra debaixo do tapete. Ocorre que o tempo é curto e precisaríamos de muito mais páginas para tratar de uma questão tão ampla e isto ainda significaria somente um esboço e por este motivo fizemos a opção de apenas observar algumas coisas dentre as muitas que Patrício considerou importante representar.

A primeira delas é como Patrício representou a si mesmo em suas cartas. Diferentemente do santo apresentado na literatura, na iconografia e na hagiografia medieval irlandesa, Patrício nunca representou a si mesmo como digno de honras e glórias. Em toda sua confissão, Patrício constrói uma imagem de si mesmo como um homem bastante humilde.

Hanson, por exemplo, acredita que toda esta humildade pode ser devida ao trauma da escravidão (Hanson, apud: O'Mathúna 1992:10).

Patrício diz: “sou pequeno”; “sou ignorante”; “tudo aquilo que é somente pode ser em Deus”; “sou imperfeito”; “evidentemente inculto”; “verdadeiramente miserável neste mundo”; “um pecador rústico”; “insignificante”; “temo me expor nas coisas relacionadas à língua porque não me instruí como os demais homens”; “não sou eloqüente”; “sou um fugitivo”; “um estúpido”; “ignorante espiritual”; “uma pedra que jazia no lodo profundo” dentre outras coisas mais que por terem o mesmo sentido que queremos demonstrar não mencionaremos.

Patrício tentou passar para seus leitores uma imagem da pobreza e da simplicidade. Em suas cartas ele nos diz que não aceitava qualquer tipo de adorno ou recompensa pelos seus trabalhos, sempre que alguém pretendia exaltá-lo, ele indicava Deus, não aceitando nenhuma honraria. Pelo contrário, ele terminou sua *Confissão* dizendo que não atribuíssem nada à sua ignorância e que tudo quanto fez foi dado pela extrema graça de Deus (*Confissão*, 62). Cremos não haver necessidade de citarmos “mais do mesmo”, ou seja, outros exemplos que confirmem a mesma linha argumentativa, estes exemplos estão em toda a *Confissão* e também em sua *Epistola ad milites Corotici*. É assim que Patrício representa a si mesmo.

Os escritos de Patrício também são importantes para aqueles que desejam estudar o fenômeno da escravidão no mundo céltico e também do que, ignorando uma crítica das formas, convencionou-se a chamar de mundo antigo. Isso porque Patrício passou pela experiência da escravidão estando dos dois lados. Thompson nos diz que não é frequente encontrarmos no mundo antigo, um ex-escravo falando de sua escravidão. Assim sendo, os escritos de Patrício foram uns dos poucos que nos restaram que apresentam um conhecimento direto da escravidão mostrando-o tanto como dono de escravos quanto ele próprio um deles (Thompson: 1985).

Patrício nos diz que foi capturado por irlandeses e levado em um navio para Irlanda quando ele tinha dezesseis anos de idade e morava em *Banavem Taburniae*. Pelo que sabemos de suas cartas Patrício foi um pastor de ovelhas durante o período de sua escravidão e pode ser que tenha sofrido mais de abandono que de maus tratos (Thompson: 1985).

Pelas descrições, Patrício acreditava que estava sendo levado em cativeiro por ter desobedecido a Deus e seus princípios. Ele também afirma que foi raptado junto com “milhares de pessoas” e também diz que isso aconteceu “segundo o nosso merecimento”. Ou seja, ele afirma que todas as pessoas que estavam ali com ele mereciam ser escravizadas. Não sabemos quantas pessoas foram levadas cativas com ele e nem que religião e fé professavam.

Mas certamente havia pagãos entre estas pessoas. Também obviamente não temos condições de saber o que Patrício pensou no momento de sua captura, mas é certo que ele próprio não poderia saber o número exato de pessoas que estavam naquele navio com ele, primeiramente por não ter esta preocupação, ainda mais em um momento como este, e segundo porque somente após meio século à frente ele resolve escrever e mencionar o ocorrido.

A questão da escravidão é algo central na história da Irlanda desse período. Tratava-se de uma prática comum. Coroticus era um dos homens que raptavam pessoas na costa irlandesa para vendê-las como escravas. Ele não fazia distinção entre cristãos ou não, pois para ele eram todos irlandeses e, portanto, bárbaros aos seus olhos de bretão romano ou romano bretão, como queiram. Certa vez, Coroticus atacou uma comunidade de discípulos de Patrício e por isso este lhe endereçou uma carta de protesto e ex-comunhão. Estes cristãos que Coroticus raptava eram vendidos aos Pictos, um povo também considerado bárbaro que vivia onde hoje é a Escócia.

Nesta carta escrita por Patrício existem várias menções à escravidão que vão de encontro às descritas em sua *Confissão*. Pelo que Patrício diz, podemos perceber que segundo a visão da Igreja Britânica os irlandeses eram “bestas brutas”, servindo apenas para escravidão. Por isso Patrício afirma que “para eles é indigno que sejamos irlandeses”. Na visão de Coroticus além de defender a civilização romana na Bretanha, ele pensava apenas em adquirir despojos para seus soldados e mulheres para fins domésticos e sexuais. Patrício reclama do fato dos cristãos serem raptados e humilhados. Mas a maior revolta de Patrício era o fato de que Coroticus vendia alguns destes cristãos aos Pictos, pois Patrício os considerava abomináveis, miseráveis, canalhas e selvagens.

A partir destes breves exemplos, podemos notar que Patrício nunca representou a questão da escravidão como algo nocivo e que devesse acabar. Ele jamais se manifestou contrário a ela. Segundo Thompson, não lhe ocorre a idéia de que esta estrutura social poderia mudar ou que a escravidão devesse ser abolida. Isso significa dizer que Patrício é como todo escritor cristão do mundo antigo a este respeito. Sem exceção eles não levantaram questões acerca da abolição da escravidão (Thompson: 1985).

Para concluir esta breve apresentação, falaremos agora acerca de algumas das representações que Patrício faz acerca da cristianização da Irlanda em suas cartas e parte de sua doutrina escatológica. Patrício, próximo ao fim de sua vida, nos mostra uma Irlanda ainda pagã. Ele diz que os irlandeses eram descrentes e gentios. Segundo Patrício, ele enfrentou fome, nudez, prisões e somente por Deus pôde suportar a resistência e as injúrias dos incrédulos irlandeses. Ele também acreditava que estava levando o evangelho até os confins

da terra e que por isso breve chegaria o fim do mundo. Por várias vezes em seus escritos Patrício menciona a Irlanda como sendo os “confins da terra”; “os lugares mais longínquos” etc. Ele acreditava que levando o evangelho até os irlandeses estaria colaborando para a chegada do fim do mundo.

Patrício diz que na Irlanda nunca tiveram o conhecimento de Deus e que até sua chegada os irlandeses só adoravam ídolos e só conheciam coisas impuras, adoravam inclusive ao sol, mas que por meio dele estavam se tornando filhos e filhas de Deus. Ou seja, Patrício nada fala acerca de outros missionários na Irlanda. Interpretando esta passagem e outra em que Patrício fala que foi até onde ninguém antes havia chegado muitos concluíram erradamente que ele foi o primeiro a pregar o cristianismo lá. Patrício contava com a ajuda de diversas pessoas em seu trabalho, inclusive filhos e filhas de reis irlandeses. Patrício diz ter batizado milhares de pessoas na Irlanda.

Patrício cria uma nova lógica na constituição das identidades. Para ele, não importa mais quem é bretão ou irlandês, romano ou não. Passa prevalecer a distinção entre cristão e não-cristão. Esta distinção permite a ele caracterizar Coroticus como uma pessoa de categoria inferior, mesmo sendo um bretão romano. Para Patrício, Coroticus não passava de um concidadão das trevas e um agente do demônio que tinha por objetivo impedir o crescimento do trabalho de cristianização na Irlanda. Assim sendo, Coroticus não é um concidadão de Patrício e nem dos Santos romanos, mas do príncipe do mal, garante Patrício.

A doutrina escatológica de Patrício é baseada no novo testamento. Em suas cartas existem 113 citações de versículos bíblicos e a maioria deles tem algum teor escatológico ou se referem diretamente à segunda vinda de Cristo. Ele aplica várias passagens dos quatro evangelhos do cânone bíblico a Irlanda e aos irlandeses. Quando fala sobre Coroticus Patrício nos apresenta vários pontos retirados da Bíblia. Segundo ele, a pena de Coroticus está reservada. Será no inferno, onde haverá choro e ranger de dentes. Tudo que foi feito por ele aqui terá que ser pago quando o grande dia chegar. Assim como fez os cristãos escravos aqui na terra, Coroticus será feito escravo no inferno, só que não em uma escravidão passageira, mas uma eterna. Será consumido pelo fogo que nunca se apaga, atormentado pela ira dos dragões, a língua das serpentes o matará, pois os homicidas não podem estar com Cristo. Estas são as metáforas que Patrício usa para representar o inferno.

Os justos, segundo Patrício virão de todas as partes para reinar junto com os profetas, os apóstolos e os mártires. Eles tomarão posse de um reino eterno e sentar-se-ão a mesma com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Se o justo foi salvo de forma penosa, imagine os injustos, pergunta Patrício. Assim, Patrício diz que os cristãos mortos por

Coroticus no fim terão suas recompensas. Visto com “olhos naturais” trata-se de algo ruim, mas isto deve ser um fato para se comemorar porque crentes batizados foram retirados deste mundo para o paraíso. Peregrinaram para onde não haverá mais noite, nem choro e nem morte. Eles participarão de um grande banquete com Cristo. Patrício conclui sua carta para Coroticus dizendo-lhe que ainda há tempo para se arrepender de seus atos, nos apresentando um conceito de conversão que é semelhante ao do filho pródigo. Um conceito de conversão que admite a possibilidade de ao “cair em si” e “recuperar a razão” fazer parte do reino de Deus. Todas estas coisas serão conhecidas no fim dos tempos, e este fim, como foi mencionado mais acima, já está próximo visto que os confins da terra, ou seja, a Irlanda, já está sendo cristianizada. É isto que Patrício nos diz em suas cartas.

### **Bibliografia**

BURY, J.B. *The Life of St. Patrick and his place in history*. London: 1905.

CAHILL, Thomas. *Como os irlandeses salvaram a civilização*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

DE PAOR, Liam. *Saint Patrick's world. The Christian culture of Ireland's apostolic age*. Dublin: 1993.

HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (orgs.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 103-133.

HANSON, R. P. C. *Introduction*. In: \_\_\_\_\_. *Confession et Lettre a Coroticus*. Paris: Du Cerf, 1978.

\_\_\_\_\_. *Saint Patrick: his origins and career*. New York: Oxford University Press, 1968.

HILLGARTH, J. N. *Cristianismo e Paganismo: A conversão da Europa Ocidental*. São Paulo: Masdras, 2004.

LE GOFF, Jacques. *Outros “além” bárbaros na Irlanda*. In: \_\_\_\_\_. *O nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 1993.

\_\_\_\_\_. *A civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa, 1995.

LE ROUX, Françoise & GUYONVARCH, Christian-J. *A civilização Celta*. Lisboa: Europa-América, 1999.

BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Presença, 1999.

O'MATHÚNA, Dónal P. *Saint Patrick: His Life and Beliefs at Ashland Theological Seminary*, Ohio: Ashland, 1992.

POWELL, T.G.E. *Os Celtas*. Lisboa: Verbo, 1965.

THOMPSON, E.A. *Who was Saint Patrick?* New York: St. Martin's Press, 1985.